

VII ENCONTRO VIRTUAL DO CONPEDI

DIREITO, ARTE E LITERATURA

CARLOS ALBERTO ROHRMANN

SILVANA BELINE TAVARES

Todos os direitos reservados e protegidos. Nenhuma parte destes anais poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria - CONPEDI

Presidente - Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Naspolini - FMU - São Paulo

Diretor Executivo - Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC - Santa Catarina

Vice-presidente Norte - Prof. Dr. Jean Carlos Dias - Cesupa - Pará

Vice-presidente Centro-Oeste - Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG - Goiás

Vice-presidente Sul - Prof. Dr. Leonel Severo Rocha - Unisinos - Rio Grande do Sul

Vice-presidente Sudeste - Profa. Dra. Rosângela Lunardelli Cavallazzi - UFRJ/PUCRio - Rio de Janeiro

Vice-presidente Nordeste - Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa - UNICAP - Pernambuco

Representante Discente: Prof. Dr. Abner da Silva Jaques - UPM/UNIGRAN - Mato Grosso do Sul

Conselho Fiscal:

Prof. Dr. José Filomeno de Moraes Filho - UFMA - Maranhão

Prof. Dr. Caio Augusto Souza Lara - SKEMA/ESDHC/UFMG - Minas Gerais

Prof. Dr. Valter Moura do Carmo - UFERSA - Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Fernando Passos - UNIARA - São Paulo

Prof. Dr. Edinilson Donisete Machado - UNIVEM/UENP - São Paulo

Secretarias

Relações Institucionais:

Prof. Dra. Claudia Maria Barbosa - PUCPR - Paraná

Prof. Dr. Heron José de Santana Gordilho - UFBA - Bahia

Profa. Dra. Daniela Marques de Moraes - UNB - Distrito Federal

Comunicação:

Prof. Dr. Robison Tramontina - UNOESC - Santa Catarina

Prof. Dr. Liton Lanes Pilau Sobrinho - UPF/Univali - Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS - Sergipe

Relações Internacionais para o Continente Americano:

Prof. Dr. Jerônimo Siqueira Tybusch - UFSM - Rio Grande do sul

Prof. Dr. Paulo Roberto Barbosa Ramos - UFMA - Maranhão

Prof. Dr. Felipe Chiarello de Souza Pinto - UPM - São Paulo

Relações Internacionais para os demais Continentes:

Profa. Dra. Gina Vidal Marcílio Pompeu - UNIFOR - Ceará

Profa. Dra. Sandra Regina Martini - UNIRITTER / UFRGS - Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Maria Claudia da Silva Antunes de Souza - UNIVALI - Santa Catarina

Eventos:

Prof. Dr. Yuri Nathan da Costa Lannes - FDF - São Paulo

Profa. Dra. Norma Sueli Padilha - UFSC - Santa Catarina

Prof. Dr. Juraci Mourão Lopes Filho - UNICHRISTUS - Ceará

Membro Nato - Presidência anterior Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa - UNICAP - Pernambuco

D597

Direito, arte e literatura [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI

Coordenadores: Carlos Alberto Rohrmann; Silvana Beline Tavares – Florianópolis: CONPEDI, 2024.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-5648-999-5

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: A pesquisa jurídica na perspectiva da transdisciplinaridade

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Encontros Nacionais. 2. Direito. 3. Arte e literatura. VII Encontro Virtual do CONPEDI (1: 2024 : Florianópolis, Brasil).

CDU: 34



VII ENCONTRO VIRTUAL DO CONPEDI

DIREITO, ARTE E LITERATURA

Apresentação

A relação entre arte e ciências está muito presente nos dias de hoje. Até mesmo em ramos das chamadas ciências duras a interação com arte se manifesta mais efetiva: é o caso da inteligência artificial, assunto que ganhou bastante destaque nos últimos dois anos e que não prescinde da arte pois, treinar a inteligência artificial é uma arte. O direito, há muito, já reconheceu a importância de tal interface, o que se nota nos eventos do CONPEDI, nos quais a presença crescente de pesquisadores em direito, arte e literatura é evidente. Esta tendência ocorreu também no VII Encontro Virtual do CONPEDI. Em nosso “GT Direito, Arte e Literatura I” tivemos presença total e apresentações muito interessantes que culminam na publicação desta obra.

Williana Ratsunne Da Silva Shirasu, José Claudio Monteiro de Brito Filho e José Henrique Mouta Araújo publicam trabalho “A busca pelo justo: O utilitarismo na decisão de Oppenheimer no desenvolvimento da bomba atômica”, com uma importante análise sobre o filme Oppenheimer.

Maria Eduarda Antunes da Costa e Renato Bernardi escreveram “A contribuição da banda Planet Hemp para a crítica da guerra às drogas no Brasil”, tema atual da música em face da recente decisão do STF sobre a matéria.

As séries também foram abordadas em nosso GT, por Kelly Cristina Canela, Marina Bonissato Frattari e Tainá Fagundes Lente, em trabalho que trata de direito empresarial, intitulado: A holding familiar com práticas de governança corporativa como alternativa ao planejamento sucessório: um diálogo a partir da série Succession. Ainda em séries, Gislaine Ferreira Oliveira

redigiu: A Lei nº 13.709/2018 e Black Mirror: uma análise da proteção dos dados pessoais a partir do episódio “Toda a sua história”.

A questão dos migrantes foi abordada tanto por Cláudia Gil Mendonça em seu artigo Análise jurídica da obra A Outra Face, de Deborah Ellis, em face ao cenário migratório atual, quanto por Karla Pinhel Ribeiro e Nico de Souza Macei em Cidadania e justiça: uma análise sobre refúgio e o caso Battisti.

Belas obras literárias foram temas de ótimos artigos como “Carta ao pai de Franz Kafka: uma carta aberta para o mundo?” de Flávia Spinassé Frigini; “Conjugalidade e autorrealização feminina: como os contos de Clarice Lispector podem auxiliar na compreensão do fenômeno jurídico enfocado”, de autoria de Roberta Freitas Guerra e Vanessa de Oliveira Antero; O poder judiciário nos contos de Lima Barreto, escrito e apresentado por Mario Cesar da Silva Andrade; “Sistema penal brasileiro e justiça restaurativa: uma análise a partir do texto ‘Observações sobre o direito de punir’ e do conto ‘Mineirinho’ de Clarice Lispector” de Mariana Mendonça Lisboa Carvalho , Adele Caroline Santos Bispo , Miriam Coutinho de Faria Alves e “Uma nova família em Valter Hugo Mãe: o filho de mil homens e as novas constituições familiares”, da lavra de Ana Paula Bagaiolo Moraes Barbosa e Fabio Garcia Leal Ferraz.

Destacam-se também trabalhos sobre filmes dentre eles: “Das margens ao caos: o tratamento para os inimputáveis no direito penal brasileiro em paralelo com o filme Coringa e a dualidade entre vítima e criminoso”, de Claudio Daniel de Souza, Juliana Oliveira da Silva e Luan Christ Rodrigues; “Elfos domésticos como sujeitos de direito: uma análise sistêmica de Harry Potter sob o prisma do direito na literatura”, de autoria de Lucio Faccio Dorneles, Lucas Lanner de Camillis e Germano André Doederlein Schwartz; bem como, “O filme Pobres Criaturas e a performance de gênero” de Nicole Emanuelle Carvalho Martins e Bráulio da Silva Fernandes.

Wilk Barbosa Pepler, com seu trabalho “Lutas sociais por reconhecimento em Axel Honneth”, assim como Ana Clara Vasques Gimenez, Daphini de Almeida Alves e Marcos Antonio Frabetti, com “Gaslighting: uma reflexão a partir da escultura “O Impossível” de Maria Martin” abrilhantaram em muito o GT.

Convidamos a todas as pessoas a conhecer os textos e desejamos uma excelente leitura.

Carlos Alberto Rohrmann

Silvana Beline Tavares

CARTA AO PAI DE FRANZ KAFKA: UMA CARTA ABERTA PARA O MUNDO? LETTER TO FRANZ KAFKA'S FATHER: AN OPEN LETTER TO THE WORLD?

Flávia Spinassé Frigini ¹

Resumo

A “Carta ao Pai” é uma obra do filósofo Franz Kafka escrita em 1919. O texto longo e denso seria endereçado a seu pai, Hermann Kafka. A carta, todavia, nunca chegou a seu destinatário. A obra condensa relatos da relação conflituosa entre o autor e seu pai, com quem tinha uma relação conturbada. O texto contém material rico para a Psicanálise, uma vez que retrata a teoria do Complexo de Édipo, de Sigmund Freud. Desperta a curiosidade pessoal do leitor, possibilitando àquele que a lê realizar uma autoanálise, revisitando seus mecanismos psicológicos a partir de suas relações particulares vivenciadas na relação pai-mãe-filho. As intenções de Kafka, entretanto, parecem transcender a um simples acerto de contas com seu pai despótico. Trata-se de uma carta endereçada à humanidade. O Édipo retratado pelo autor é tido como “exagerado”. Isto é, para além simplesmente de culpar o pai pelo ofuscamento de seus desejos, Kafka, ao mesmo tempo, o isenta de culpa e o confronta por ter se rendido a uma estrutura de dominação.

Palavras-chave: Carta ao pai, Complexo de Édipo, Autoridade, Humanidade, Dominação

Abstract/Resumen/Résumé

The “Letter to the Father” is a work by the philosopher Franz Kafka written in 1919. The long and dense text would be addressed to his father, Hermann Kafka. The letter, however, never reached its addressee. The work condenses reports of the conflicting relationship between the author and his father, with whom he had a troubled relationship. The text contains rich material for Psychoanalysis, as it portrays Sigmund Freud's theory of the Oedipus Complex. It awakens the reader's personal curiosity, enabling those who read it to carry out a self-analysis, revisiting their psychological mechanisms based on their particular relationships experienced in the father-mother-son relationship. Kafka's intentions, however, seem to transcend a simple reckoning with his despotic father. It is a letter addressed to humanity. The Oedipus portrayed by the author is considered “exaggerated”. That is, beyond simply blaming his father for the obfuscation of his desires, Kafka, at the same time, exempts him from blame and confronts him for having surrendered to a structure of domination.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Letter to the father, Oedipus complex, Authority, Humanity, Domination

¹ Doutoranda em Direito Civil pela Universidade do estado do Rio de Janeiro (UERJ). Advogada. Professora nas Faculdades Integradas de Aracruz (FAACZ).

INTRODUÇÃO

Franz Kafka nasceu em 03 de julho de 1883 na cidade de Praga, Boêmia – atualmente República Tcheca – à época parte do Império Austro-Húngaro. Era filho do comerciante judeu Hermann Kafka e de Julie Löwy e tinha três irmãs mais novas.

O escritor formou-se em Direito em 1906 e trabalhava como advogado em uma companhia particular de seguros contra acidentes de trabalho em Praga. Ficou noivo várias vezes, mas nunca se casou. Acometido de tuberculose, faleceu um mês antes de completar 41 anos de idade.

Entre suas obras, estão escritos como “A Metamorfose”, “O Processo”, a novela “O veredicto”, “Na colônia penal”, “O Castelo” e a “Carta ao Pai”, objeto de exploração desse estudo. A maioria de suas obras foi publicada postumamente. Kafka, já próximo a sua morte, teria pedido a Max Brod, seu amigo pessoal, que queimasse seus escritos, no que não foi atendido. O título “Carta ao Pai”, aliás, foi dado por Max Brod.

A *Carta ao pai* foi escrita em novembro de 1919 pelo filósofo Franz Kafka, à época com 36 anos. No mês que escreveu o texto estava hospedado na pensão Studl, de Schelesen, uma pequena localidade ao norte de Praga. A motivação para escrever a carta teria partido de uma pergunta feita por Hermann Kafka pouco tempo antes de sua elaboração. Segundo Kafka este o teria perguntado porque afirma ter medo dele. A Carta, de fato, começa assim: “Você me perguntou recentemente por que eu afirmo ter medo de você” (KAFKA, 2021, n.p).

Entretanto, a obra que se apresenta como uma longa carta endereçada a seu pai, Hermann Kafka, fora, em verdade, impulsionada pela reprovação do pai a mais uma de suas tentativas fracassadas de casamento, no intuito de acertar as contas com seu pai “tirano.”Kafka iria se casar com Julie Wohryek, filha de Eduard Wohryzek, zelador de sinagoga em um subúrbio de Praga (KAFKA, 2021, n.p).

O escritor conheceu Julie no mesmo ano da elaboração da carta, em 1919, e seu pai desaprovou a moça em virtude de sua condição social, inferior ao *status* social da família Kafka. Isso teria provocado uma discussão acalorada entre pai e filho. A ideia era que a carta fosse entregue ainda durante seu período de licença em Schelesen, mas isso não aconteceu. O escritor somente concluiu a tarefa no fim de novembro daquele ano, já em Praga. Por alguma razão desconhecida, Kafka teria deixado a última página escrita à mão (KAFKA, 2021, n.p).

A carta nunca foi entregue. Segundo alguns escritos, Kafka teria sido desencorajado a enviá-la a seu pai por sua mãe e sua irmã Ottilia. Alguns também atribuem o não envio ao conteúdo problemático sobre sua própria imagem retratado na carta (KAFKA, 2021).

O texto é caracterizado por uma estrutura densa, composta de longos períodos e explora a complexidade das relações familiares, especialmente a relação conflitante entre pai e filho, a partir das inquietações e dos dilemas pessoais do autor.

Modesto Carone, no pós-fácio da obra, bem observa que seria inevitável deduzir que “A Carta ao pai” é muito mais que um documento de curiosidade pessoal e psicanalítica. Não há como “fugir à consideração de que ela tem um fundamento histórico e social completo. Um dado que pode confirmar essa intenção é o fato de que no momento em que Kafka escreveu a Carta, já era autor de obras imponentes, como “O processo” e “A metamorfose” (KAFKA, 2021).

Quer-se com essa breve digressão perquirir, sem desprezar os mais profundos e diversos significados que podem alcançar essa obra literária, se, de fato, a mensagem emitida na Carta por seu remetente tinha como destinatário exclusivo, Hermann Kafka, retratando a difícil relação entre pai e filho ou se, para além disso, a obra representa uma Carta aberta à própria humanidade, com vies e sentido mais amplo, com intuito de revelar o domínio e a estrutura a partir da qual a sociedade é regida.

Para obter uma resposta a tal questionamento, através da metodologia hipotético-dedutiva, buscar-se-á realizar uma análise semântica da obra, no intuito de detectar as intenções do Autor e o significado do texto caracterizado por uma obra literária, com múltiplos sentidos.

Ao destacar alguns trechos do texto será possível interpretá-lo, levando-se em consideração características pessoais do autor e seu ponto de vista, o contexto histórico e social da época em que viveu, suas origens familiares e sua linguagem característica, identificando no texto palavras ou simbolismos que caracterizam sua escrita.

Essa breve reflexão sobre a obra de Kafka reforça a importância e a relevância da contribuição da literatura em intercâmbio com o Direito, funcionando como uma robusta ferramenta de crítica à estrutura social dominante, a qual aliena sobremaneira especialmente os grupos minoritários, propensos à um estado de vulnerabilidade.

A CARTA AO PAI E O ÉDIPO EXAGERADO

É muito comum e recorrente que a obra seja associada a teorias psicanalíticas, como o complexo de Édipo. De fato, Kafka expõe detalhadamente e em diversos contextos os conflitos vivenciados com seu pai, oferecendo material rico para análise sob este aspecto.

Para demonstrar isso, destacam-se alguns principais eixos temáticos no texto utilizados pelo autor para expor a relação entre Franz Kafka e Hermann Kafka, tais como: a descrição de suas personalidades contrapostas; as influências do pai na escolha de uma profissão; a forma como recebeu educação dos pais; os relacionamentos afetivos; a conexão do pai com o judaísmo; a forma de ver a família; o negócio de Hermann e seu comportamento perante seus empregados e, até mesmo, as opiniões de ambos sobre o casamento.

Logo no início da carta, Kafka ressalta sua fraqueza diante da postura paterna e até mesmo de sua forma física, o descrevendo franzino, enquanto Hermann era descrito como largo, forte. A imponência da forma física do genitor fazia Franz se sentir diminuto, fraco. É como descreve:

Já estava esmagado pela simples materialidade do seu corpo. Lembro-me por exemplo de que muitas vezes nos despíamos juntos numa cabine. Eu magro, fraco, franzino, você forte, grande, largo. Já na cabine me sentia miserável e na realidade não só diante de você, mas do mundo inteiro, pois para mim você era a medida de todas as coisas. Mas quando saíamos da cabine diante das pessoas, eu na sua mão, um pequeno esqueleto, inseguro, descalço sobre as pranchas de madeira, com medo da água, incapaz de imitar seus movimentos para nadar, que com boa intenção, mas de fato para minha profunda vergonha, você não parava de me mostrar — então nesses momentos eu ficava muito desesperado e todas as minhas más experiências em todas as áreas confluíam em grande estilo (KAFKA, 2021, n.p).

No trecho supramencionado o autor dá ênfase às diferenças físicas entre si e seu genitor e acrescenta que essas diferenças reverberam em outros aspectos da vida. Isto é, Hermann não era somente forte fisicamente, mas uma referência, “a medida de todas as coisas”. Logo, Kafka se sentia fraco em todos os aspectos da vida, dentro do seu contexto familiar, que era, digamos, assim, a sua visão de mundo a partir da perspectiva que lhe era apresentada.

As diferenças entre pai e filho ressoam na personalidade de ambos e na forma de ver a vida. O filho descreve o pai como um homem ambicioso, característica descrita como própria da família Kafka, enquanto aquele se vê mais tímido, fraco, menos entusiasmado. O trecho a seguir evidencia isso:

Compare-nos um com o outro: eu, para expressá-lo bem abreviadamente, um Löwy com certo fundo Kafka, mas que não é acionado pela vontade de viver, fazer negócios e conquistar dos Kafka, e sim por um aguilhão dos Löwy, que age mais secreto, mais tímido, numa outra direção, e muitas vezes cessa por completo. Você, ao contrário, um verdadeiro Kafka na força, saúde, apetite, sonoridade de voz, dom de falar, autossatisfação, superioridade diante do mundo, perseverança, presença de espírito, conhecimento dos homens, certa generosidade — naturalmente com todos os defeitos e fraquezas que fazem parte dessas qualidades e para as quais o precipitam seu temperamento e por vezes sua cólera (KAFKA, 2021, n.p).

A todo o tempo, o Autor demonstra o distanciamento existente entre pai e filho, provocado não só pelos interesses e visão de vida contrapostos, mas, de igual forma pelo temperamento dominador do pai, o que o afastava o filho, desencorajando-o a aproximar-se de seu patriarca, já que, de antemão, a reação esperada diante de qualquer coisa que o filho dissesse seria por ele rechaçada ou mesmo oprimida. Kafka retrata isso no seguinte excerto:

E na verdade sem poder argumentar nada, pois lhe é de antemão impossível falar serenamente sobre uma coisa com a qual não concorda ou que simplesmente não parta de você: seu temperamento dominador não o permite. Nos últimos anos você explica isso pelo seu nervosismo cardíaco, eu não saberia dizer se você foi alguma vez em essência diferente, no máximo o nervosismo cardíaco é um meio para o exercício mais estrito da dominação, já que a lembrança da doença deve sufocar nos outros a última réplica (2021, n.p).

Nota-se que Franz Kafka reconhece o pai como alguém que não aceita opiniões alheias, especialmente aquelas que colidam com seu modo de ver as coisas.

No entender do escritor remetente, esse temperamento dominador e autoritário, vale dizer, Hermann esboçava mais diante da família e no trabalho. Aos amigos e pessoas distantes era amável e carinhoso. Para ele, isso ofuscou sua experiência de sentido com a família.

Entretanto, ao mesmo tempo em que parece atribuir culpa a Hermann por ser um sujeito medroso e acanhado, compreende o porquê do tratamento dispensado pelo pai a ele. Alias, acaba admitindo que, ainda que o pai tivesse sido afável e mais próximo, provavelmente ainda assim seria medroso. Reiteradamente, o Autor faz o movimento de acusar o genitor e logo em seguida de absolvê-lo, escusando-o da culpa.

Discorrendo sobre a culpa e sua relação com o pai, Kafka (2021, n.p) esclarece:

Esse seu modo usual de ver as coisas eu só considero justo na medida em que também acredito que você não tem a menor culpa pelo nosso distanciamento. Mas eu também não tenho a menor culpa. Se pudesse levá-lo a reconhecer isso, então seria possível, não uma nova vida – para tanto nós dois estamos velhos demais – mas sem dúvida uma espécie de paz; não a cessação, mas certamente um abrandamento das suas intermináveis recriminações.

Esse ponto demonstra uma das possíveis intenções da Carta, que seria a busca de um consenso em meio ao dissenso e divergência que predominava entre pai e filho. A partir desta declaração, o Autor isenta seu pai da culpa e almeja com suas declarações dar oportunidade a seu pai de entender e reconhecer que o mesmo também não tem culpa pela pouca proximidade dos dois. Para isso, Kafka se vale de uma narrativa franca e detalhada de situações e experiências que passou com Hermann.

Segundo Franz Kafka, a carta teria sido escrita em resposta a um questionamento de seu pai. A primeira frase do texto enuncia isto. Após saudar carinhosamente seu genitor de “querido pai”, indaga: “Você me perguntou recentemente por que eu afirmo ter medo de você” (KAFKA, 2021) Ao menos *a priori*, a proposta da carta, invoca um “acerto de contas” na relação turbulenta entre pai e filho.

A comunicação escrita, por meio da carta, poderia facilitar o caminho para um entendimento, ainda que, mesmo na escrita, reconheça o Autor sofrer a influência paterna, quando afirma que: “ E se aqui tento responder por escrito, será sem dúvida de um modo muito incompleto, porque, também ao escrever, o medo e suas consequências me inibem diante de você e porque a magnitude do assunto ultrapassa de longe a minha memória e meu entendimento” (KAFKA, 2021).

Relevante crítica que se poderia lançar sobre a “Carta ao Pai” seria questionar seu destinatário. Ou seriam destinatários? As reais intenções de Kafka vão muito além de um simples acerto de contas ou da criação de um canal comunicativo com o pai, afinal, a carta nem mesmo chegou a ser entregue.

Dessa forma, sob esta ótica, o escrito parece ser mais uma resposta aberta a questões que extravasam a relação pai-filho, denunciando a submissão de seu patriarca, a partir de sua origem social judia ao sistema então dominante. E disse-se em aberto, pois o autor descortina uma série de relações sociais triangulares inseridas dentro um sistema de dominação, interconectado, escancarando suas vulnerabilidades.

Os objetivos de Kafka ultrapassam as questões psicanalíticas. O autor é um verdadeiro crítico da alienação. A metáfora do pai estendido sobre o mapa-múndi retratada no texto evidencia a intenção, mais profunda, de tocar nas marcas de sofrimento provocadas pelos sistemas de dominação no mundo governado.

É como aduzem DELEUZE E GUATARI (2014, n.p)

[...] O nome do pai sobrecodifica os nomes da história, judeus, tchecos e alemães, Praga, cidade-campo. Mas, por aí, à medida que se amplia Édipo, essa espécie de aumento ao microscópio faz surgir o pai pelo que ele é, dá-lhe uma agitação

molecular em que se desenrola um combate totalmente outro. Di-se-ia que projetando a foto do pai sobre o mapa do mundo desbloqueou-se o impasse próprio à foto, inventou-se uma saída para esse impasse, colocou-se-o em conexão com toda a toca subterrânea, e com todas as saídas dessa toca.

A questão do pai tratada por Kafka tem um objetivo mais profundo do que aparenta ter. Busca com a ampliação da questão edipiana, através de uma reflexão macro encontrar uma saída onde seu pai não encontrou.

O pai, assim como toda uma geração judia, deixou o campo para se aventurar na cidade, tendo que renunciar a seus desejos, submisso a uma ordem dominante.

Nessa toada, afirmam DELEUZE E GUATTARI (2014, n.p),

[...] não é o Édipo que produz a neurose, é a neurose, quer dizer, o desejo já submetido e buscando comunicar sua própria submissão, que produz o Édipo. Édipo valor de mercado da neurose. Inversamente, ampliar e engordar Édipo, exagerá-lo, fazer dele um uso perverso ou paranoico, é já sair da submissão, reerguer a cabeça, e ver por sobre o ombro do pai o que estava em questão todo o tempo nessa história: toda micropolítica do desejo, impasses e saídas, submissões e retificações.

Isto é, Kafka buscava com a representação do seu triangulo familiar demonstrar as forças invisíveis que provocaram a submissão de seu pai, de sua mãe e de si mesmo, quais sejam: “a máquina tecnocrática americana”, a “burocrática russa” ou a máquina fascista”(2021, n.p).

Logo no início do texto, Kafka destaca que seu pai o considera “íngrato” e que teria tido uma vida boa e confortável graças ao seu trabalho, e que ainda sim não fez as melhores escolhas na vida, ou ao menos aquelas esperadas por seu pai (2021, n.p). Em suas palavras:

Para você as coisas pareciam ser mais ou menos assim: trabalhou duro a vida toda, sacrificou tudo pelos filhos, especialmente por mim, e graças a isso eu vivi à “larga”, desfrutei de inteira liberdade para estudar o que queria, não precisei ter qualquer preocupação com o meu sustento e portanto nenhuma preocupação; em troca você não exigiu gratidão – você conhece a “gratidão dos filhos” – mas pelo menos alguma coisa de volta, algum sinal de simpatia; ao invés disso sempre me escondi de você, no meu quarto, com meus livros, com amigos malucos, com ideias extravagantes, nunca falei abertamente com você, no templo não ficava a seu lado, nunca o visitei em Franzensbad, aliás nunca tive sentido de família, não dei atenção à loja nem a seus outros negócios, a fábrica eu deixei nas suas costas e depois o abandonei, apoiei a obstinação de Otlá e, se por um lado não movo um dedo por você (nem uma entrada de teatro eu lhe trago), pelos amigos eu faço tudo (2021, n.p).

Para além de questões ligadas à culpa, Franz Kafka parece enxergar com muita clareza que o modo de ser de Hermann Kakfa é resultado da sua origem e da própria estrutura de sociedade em que viveu. Hermann veio do campo e passou por dificuldades na infância.

Como o próprio filho retrata na Carta, as dificuldades pelas quais passou o pai o fizeram crer que é preciso muito esforço e abdições para ter sucesso na vida. Logo, para este, os filhos eram ingratos. Não davam valor ao que tiveram, pois tudo veio sem esforço (KAFKA, 2021).

Dando voz e sentido, através da escrita, ao que, em sua visão, corresponderia à opinião do pai a seu respeito, destaca que não se parecia com aquele e, por essa razão, não seguiu seus passos, o que no entender deste último teria sido o mais coerente natural.

Obtempera que os diferentes rumos traçados por ambos derivam da sua natureza e personalidade diversas. Descreve o pai como um homem forte e superior, que com o intuito de o fazer forte e corajoso não manifestava muito afeto, ao contrário, mostrava-se sempre rígido e pouco afável. Nas palavras de Kafka (2021, n.p): “Eu teria precisado de um pouco de estímulo, de um pouco de amabilidade, de um pouco de abertura para o meu caminho, mas ao invés disso você o obstruiu, certamente com a boa intenção de que eu devia seguir outro. Mas para isso eu não tinha condições.”

Além de ser um homem de postura forte, para Kafka seu pai impressionava também pela forma física, enquanto se enxergava magro, franzino, descrevia seu pai grande e largo. Afirma na Carta que se sentia esmagado pela simples materialidade do corpo de Hermann Kafka. Seu porte físico o impressionava, assim como também a sua força espiritual, alimentada por sua “exagerada autoconfiança”, com a qual descartava facilmente as opiniões contrárias às suas. Para o filho, o pai era um tirano, uma vez que estava sempre com a razão, fundamentada em si mesma. *In verbis*: “Você assumia para mim o que há de mais enigmático em todos os tiranos, cujo direito está fundado, não no pensamento, mas na própria pessoa. Pelo menos assim me parecia (KAFKA, 2021, n.p).”

Relembrando fatos e situações da infância, o filho culpa o pai por ter se tornado uma pessoa instável e indecisa. Recrimina o pai pelo tom autoritário utilizado por aquele para se comunicar com o filho, o que ocorria também no ambiente de trabalho de Hermann (KAFKA, 2021).

Perdi a confiança nos meus próprios atos. Tornei-me instável, indeciso. Quanto mais velho ficava, tanto maior era o material que você podia levantar como prova da minha falta de valor; aos poucos você num certo sentido acabou realmente tendo razão. Previno-me outra vez de afirmar que me tornei assim só por sua causa; você apenas reforçou o que existia, mas reforçou muito, justamente porque diante de mim você era muito poderoso e aplicou nisso todo seu poder (KAFKA, 2021, n.p).

O modo de comunicação de Hermann de acordo com Kafka seria o meio utilizado por

ele para exercer sua “dominação” sobre todos à sua volta, especialmente os filhos.

Retrata que o pai ao projetar suas expectativas sobre ele impediu que uma ligação se estabelecesse na relação paternal que levou ao desencorajamento de Kafka, fazendo-o sentir-se fraco diante da fortaleza que era seu pai.

Em resposta a esta postura do pai, Kafka (2021, n.p) assegura: “ Eu podia desfrutar o que você me dava, mas só com vergonha, cansaço, fraqueza, consciência de culpa. Conseqüentemente, por tudo isso eu só conseguia ser grato como um mendigo, nunca através da ação.” E, complementa: “ O resultado exterior imediato de toda essa educação foi que fugi de tudo o que, mesmo à distância, lembrasse você.”

Com isso, Kafka (2021, n.p) pondera que esta quebra de conexão na relação pai-filho levou ao afastamento de ambos, tendo partido daí, por exemplo, sua aversão à loja, ao comércio de Hermann. Retrata no texto o péssimo tratamento dado por seu pai a seus empregados, chamados por este de “inimigos pagos.”

Outro ponto de destaque da carta refere-se ao relato da visão do filho sobre a relação do pai com o judaísmo, que poderia ter sido, na sua opinião, uma ponte para se estabelecer uma conexão entre pai e filho.

Todavia, como retratado por Kafka a relação de Hermann Kafka com o judaísmo era essencialmente formal, quer dizer, o mesmo frequentava o templo e cumpria suas obrigações religiosas mais por uma questão de convenção social. Não tinha conhecimento mais profundo sobre os dogmas religiosos e os costumes que seguia. Nas palavras de Kafka:

Você ia ao templo quatro dias por ano e nele ficava no mínimo mais próximo dos indiferentes do que daqueles que o faziam a sério, livrando-se, pachorrento, das orações como formalidade, causando-me às vezes espanto por conseguir me mostrar no livro de orações a passagem que estava sendo recitada; de resto eu podia, quando estava no templo (o principal era isso), divagar como quisesse (2021, n.p).

Mas apesar de recriminar o pai pelo seu judaísmo fraco e pela falta de exemplo nesse aspecto, Kafka parece compreender e reconhecer que o pai não tem culpa por isso, porque também pouco pode apreender do seu local de origem, naquela comunidade aldeã, semelhante a um gueto.

A herança judaica de seu pai era muito mais baseada em um estilo de vida do que propriamente ancorada por convicções religiosas, que jamais poderiam se sobrepor àquelas de natureza social.

Nessa toada, reafirma: “No fundo, a fé que guiava a sua vida consistia em acreditar na correção indiscutível das opiniões de uma determinada classe social judaica; portanto, na

medida em que essas opiniões faziam parte do seu ser, você na realidade acreditava em si mesmo (KAFKA, 2021, n.p).” Corroborando o raciocínio discorreu Kafka (2021, n.p): “[...] esse, pois, o material de fé que me foi transmitido, ao qual se acrescentava no máximo a mão estendida apontando para “os filhos do milionário Fuchs”, que iam ao tempo nas grandes solenidades em companhia do pai.”

Até mesmo em relação à escolha da profissão assevera que a liberdade de escolha aparentemente dada por seu pai estava, de toda forma, contaminada pela aprovação de seu genitor. Escolheu estudar direito, pois em sua opinião seria um curso mais “neutro”, de forma a não ferir sua vaidade (KAFKA, 2021). Segundo o Autor:

Para mim, portanto, não houve propriamente liberdade de escolha da profissão, pois eu sabia que diante do essencial tudo me seria tão indiferente como todas as matérias letivas do secundário; tratava-se pois de encontrar uma profissão que, sem ferir demais a minha vaidade, permitisse, mais que qualquer outra, essa indiferença.

Outro ponto de destaque no texto diz respeito aos relacionamentos afetivos de Kafka. Este introduz a questão tratando das suas “tentativas de casamento.” Confabulou o escritor:

Uma vez que nessa área tudo me sai mal, temo que também não vou conseguir tornar compreensível a você minhas tentativas de casamento. E no entanto o êxito de toda esta carta depende disso, pois por um lado tudo aquilo de que eu dispunha em forças positivas se reunia nessas tentativas e, por outro lado, aqui também se juntavam, com verdadeira fúria, todas as forças negativas que eu descrevi como sequelas da sua educação, ou seja, a fraqueza, a falta de autoconfiança, a consciência de culpa, que literalmente estendiam um cordão de isolamento entre mim e o casamento (KAFKA, 2021, n.p).

O filho explica para o pai que suas visões sobre o casamento e seu significado são diferentes. Coloca o casamento em um lugar comum, no sentido de que para a sociedade trata-se de uma ordem natural das coisas, do que se espera de um homem, mas que, não é porque a maioria segue esse caminho que esse seja o melhor caminho a ser seguido. Ao mesmo tempo, atribui seu fracasso à falta de preparação e experiência que decorre da dinâmica de sua relação com o pai e de sua experiência familiar.

É interessante a forma como coloca a questão, pois, novamente, atribui culpa ao pai e sem seguida o isenta dela, ao afirmar:

Como eu estava preparado para isso? Da pior maneira possível. Já se pode deduzir do que foi dito até aqui. Mas até o ponto em que existe uma preparação direta do indivíduo e uma criação direta das condições básicas gerais, você exteriormente interveio pouco. Também não há outra possibilidade, pois aqui decidem os costumes sexuais gerais da classe, do povo e da época. Seja como for, também aí você

interveio, não muito, pois o pressuposto para esta intervenção só pode ser a forte confiança mútua, e ela nos faltou a ambos já muito antes do momento decisivo; e não foi uma intervenção muito feliz porque nossas necessidades eram completamente diferentes: o que me arrebatou é capaz de deixá-lo quase insensível e vice-versa; o que em você é inocência, e mim pode ser culpa e vice-versa; o que para você não tem consequências pode ser a tampa do meu caixão (KAFKA, 2021, n.p).

O autor expõe que o seu medo em relação ao casamento é uma seqüela da educação fornecida pelo seu pai. A fraqueza, a falta de autoconfiança, a consciência de culpa, acabavam por construir um cordão de isolamento entre o autor e o casamento.

Para o filho, embora o casamento significasse “a garantia da mais nítida autolibertação e independência”, isso, de outro lado, seria também uma escolha semelhante à do pai, o que colocaria Kafka (2021) em um ambiente desconfortável, sob o completo domínio paterno. *In verbis*: “Assim como somos, porém, o casamento me está vedado pelo fato de que ele é precisamente o seu domínio mais próprio”.

E prossegue, dizendo:

Às vezes imagino um mapa-múndi aberto e você estendido transversalmente sobre ele. Para mim, então, é como se entrassem em considerações apenas as regiões que você não cobre ou que não estão a seu alcance. De acordo com a imagem que tenho do seu tamanho, essas regiões não são muitas nem muito consoladoras, e o casamento não está entre elas (KAFKA, 2021, n.p).

Dessa forma, a narrativa de Kafka no sentido de atribuir culpa ao pai pelos seus fracassos no casamento consiste, afinal, em uma justificativa interna encontrada pelo próprio Kafka pelos seus insucessos nas relações afetivas? O mesmo se poderia perquirir diante das justificativas encontradas pelo Autor quanto à sua escolha profissional e, também, para a falta de vocação para seguir os negócios da família? É tudo culpa do pai?

As intenções de Kafka, contudo, vão muito além do complexo edipiano no contexto familiar. Uma primeira leitura restringiria a intenção do texto ao reflexo da neurose, valendo-se da culpabilidade. Seu pai seria o culpado de seus insucessos diante da vida. Como aduzem DELEUZE E GUATTARI (2014), Kafka, ao contrário, sabe que a motivação de suas escolhas, em verdade, advém da sua própria libido e não são necessariamente derivadas de sua relação com seu pai. Logo, esse vai e vem da culpa que permeia todo o texto tem um propósito de transpor essa dinâmica desenhada na relação pai-filho para as múltiplas relações que coexistem e compõem a vida.

O engordamento do Édipo produz além da descoberta de outros triângulos que agem por detrás e dentro do triângulo familiar, a busca de uma saída retratada pelas linhas de fuga do devir-animal órfão.

Devir animal é precisamente fazer o movimento, traçar a linha de fuga em toda a sua positividade, ultrapassar um limiar, atingir um continuum de intensidades que só valem por si mesmas, encontrar um mundo de intensidades puras, em que todas as formas se desfazem, todas as significações também, significantes e significados, em proveito de uma matéria não formada, de fluxos desterritorializados, de signos assignificantes (DELEUZE E GUATTARI, 2014, n.p).

A *Metamorfose* é um texto que ilustra bem isso. Essa tentativa de encontrar uma saída. Gregor em seu devir barata retrata a tentativa de fuga da personagem daquele triângulo burocrático formado pelo gerente e pelo pai (DELEUZE E GUATTARI, 2014).

Em certo momento da Carta, Kafka (2021) utiliza o devir animal como a busca de uma saída da submissão. Ao referir-se à sua atividade de escritor, resvala sua tentativa de fuga na função de escritor que não foi inteiramente bem sucedida, comparando sua experiência à de uma minhoca esmagada:

Com a sua antipatia você atingiu, de modo mais certo, a minha atividade de escritor e as coisas relacionadas com ela, que lhe eram desconhecidas. Aqui de fato eu me havia distanciado com certa autonomia, embora lembrasse um pouco a minhoca que, esmagada por um pé na parte de trás, se liberta com a parte dianteira e se arrasta para o lado. De certa maneira eu estava em segurança, havia um sopro de alívio, a aversão que naturalmente você logo teve pelo que eu escrevia foi neste ponto excepcionalmente bem-vinda (KAFKA, 2021, n.p).

Também ao longo do texto, demonstrando a utilização desse recurso pelo autor, em mais de uma oportunidade utiliza a expressão “inseto daninho”.

Como inseto daninho se aproveita do lugar de submissão para também justificar confortavelmente suas falhas. Em verdade, ao dar voz na imaginação a seu pai, o autor, de maneira proposital parece ter querido demonstrar essa perspicácia, reforçando a ideia de que, de fato, seu olhar sobre a relação pai-filho era ampliado. E, mais. Robustece a tese de que as intenções do autor estão acima da análise pura e simples das controvérsias do universo familiar. Kafka utiliza esse recurso para mergulhar fundo nas influências e confluências dos sistemas de dominação imersos nos sujeitos da formação familiar (KAFKA, 2021).

Já no final da carta, dando voz na imaginação a seu pai, Kafka (2021, n.p) prenuncia:

Admito que lutamos um com o outro, mas há dois tipos de luta: o combate cavalheiresco, em que se medem as forças de contendores independentes e cada qual responde por si, perde por si e ganha por si. E a luta do inseto daninho, que não só pica, mas também suga simultaneamente o sangue para conservar a vida. Este é o verdadeiro soldado profissional, e você é isso. Está inadaptado para a vida; para poder se instalar confortavelmente nela, despreocupado e sem autorrecriações,

you demonstrate that you have taken away all my capacity for life and I have put it in my pocket. What matters now that you are incapable for her? Responsibility is mine, but you are carelessly and you make me drag physically and spiritually for me.

Em seguida, o próprio autor, em réplica à objeção apresentada pelo pai reflete:

A isso respondo que, em primeiro lugar, toda essa objeção, que pode em parte também se voltar contra você, não vem de você mais de mim. Nem mesmo sua desconfiança dos outros é tão grande quanto a minha autodesconfiança, para a qual me educou. Não nego à objeção uma certa legitimidade, que além do mais contribui com algo novo para a caracterização do nosso relacionamento (KAFKA, 2021, n.p).

Ao final da Carta, o Autor perfilha que as acusações são parcialmente verdadeiras, ou seja, que Hermann Kafka não é inteiramente culpado pelos seus insucessos e que de certa forma se apropria desse discurso para justificar suas contradições e fracassos. Justifica tal conclusão também pela falibilidade natural das provas contidas na Carta que podem não corresponder rigorosamente à realidade (KAFKA, 2021).

Por fim, pondera que ainda que sua tentativa de entendimento com o pai fosse falha, a Carta terá valido como uma maneira de aproximar-se da verdade e melhor aceita-la tornando a vida e morte mais leve para os dois (KAFKA, 2021).

Todas essas ferramentas artísticas conduzem à inevitável conclusão de que a Carta é muito menos um documento contendo informações da vida pessoal do Autor. Trata-se de uma obra literária genuína, que envolve e convida o leitor à exploração da sensível (HOFF, 2017).

Patrícia Cristine Hoff (2017, p. 228) ao analisar o discurso do Autor, esclarece:

Com uma sinceridade quase constrangedora, Kafka constrói uma narrativa densa e articulada. Sua autodesconfiança, declarada em vários momentos e incisiva nas reflexões sobre os eventos vividos, aparece também no estilo da escrita, ao mesmo tempo lacunar e acentuadamente explicativa e repetitiva, causando uma tensão constante, labiríntica, que afeta em grande medida o leitor.

Portanto, a vida particular de Kafka é acessível a todos os leitores, constituindo a própria extensão inconsciente de uma comunidade social, esta – pode-se dizer – destinatária da própria carta.

CONCLUSÃO

Destarte, a obra “Carta ao pai” é um texto com fundamento histórico e social, que desperta a curiosidade psicanalítica e também pessoal aos leitores, proporcionada pela riqueza da linguagem que é oferecida.

A obra é uma carta aberta a todos aqueles que estiverem dispostos a lê-la e a interpretá-la, sendo possível atribuição de sentido em diversos aspectos da vida, representado no texto pela dinâmica familiar pai-filho permeada de tensões e desacordos, possibilitando uma reflexão até mesmo da vida pessoal do leitor.

Logo, é possível interpretar o texto à luz da Teoria do Complexo de Édipo, consagrada por Sigmund Freud. O autor explora com profundidade a relação conflituosa de Kafka com o pai, fornecendo um vasto aparato e fonte de estudo para a psicanálise, tocando em temas ligados à autoridade parental, poder e formação de identidade no universo familiar.

Toda essa narrativa trazida pelo Autor possibilita ao próprio Autor e a todos aqueles que lerem a “Carta ao pai”, compreenderem os mecanismos psicológicos que norteiam suas vidas, através de um autoexame mental de suas próprias realidades particulares.

Não obstante, para além disso, em uma perspectiva aumentada e, pode-se dizer, pretendida pelo autor, tem o objetivo de reavivar questões sociais fundamentais da estrutura da sociedade.

O autor tcheco transcende o Édipo do tipo neurótico que responsabilizaria o pai pelo aprisionamento de seus desejos e, ao contrário, entende que se o pai agiu dessa maneira, de alguma forma queria evitar que o filho seguisse o mesmo caminho.

Assim, a crítica parte de um Édipo do tipo perverso. Kafka busca confrontar a submissão do pai, que se submeteu a um poder que não era o seu, tendo emigrado para Praga (SCHWANTZ; NUNES; MARGARITES, 2022).

Tem-se na “Carta ao Pai” muito mais uma obra de valor literário do que confissões da vida pessoal do Autor. Isto é, as narrativas trazidas na Carta, apesar de expressarem situações da vida cotidiana do próprio Kafka denotam um discurso que revela a descrição de uma comunidade social que pode ser a própria humanidade. É como se o escritor, apesar de valer-se empiricamente dele próprio e de suas relações pessoais, criticasse não somente o autoritarismo paterno, mas toda uma estrutura societária que pune, rendendo as pessoas a esse status de dominação (HOFF, 2017, p. 228).

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. “Anotações sobre Kafka” In: *Prismas: Crítica Cultural e Sociedade*. Trad. Augustin Wernet e Jorge Matos Brito. São Paulo: Ática, 2001.

CANETTI, Elias. *O outro processo: as cartas de Kafka a Felice*; Traduzido do alemão por Herbert Caro. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução de Cintia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 28ª edição. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GUATTARI, Felix. *Máquina Kafka*. São Paulo: N-1 Edições, 2022

HOFF, Patrícia Cristine. *O político e o estético na Carta ao Pai, de Franz Kafka*. Cadernos do IL, Porto Alegre, n.55, dezembro de 2017, p. 227-238.

JANOUGH, Gustav. *Conversas com Kafka*. São Paulo: Novo Século, 2008

KAFKA, F. *A metamorfose*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KAFKA, F. *Carta ao pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

KAFKA, F. *O veredicto / Na colônia penal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

KAFKA, F. *Um artista da fome e A construção*. Trad. Modesto Carone. São Paulo, Brasiliense, 1991.

LAPOUJADE, D. *As existências mínimas*. São Paulo: Editora N-1, 2017.

LATOURETTE, Bruno. *A fabricação do direito: um estudo de etnologia jurídica*. São Paulo: UNESP, 2019

PEREIRINHA, Felipe. *Uma leitura da “Carta ao Pai” de Kafka*. Terceira Margem (online). Ano XVII, n.28, jul-dez 2013.

SCHWANTZ, Josimara Wikboldt; NUNES, Gustavo de Oliveira; MARGARITES, Ana Paula Freitas. Da crítica à clínica: a política em Kafka por Deleuze e Guatari. *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência*, Rio de Janeiro, v.15, n.3, p. 27-45, 2022.